

## Homens também ensinam? Um relato de experiência sobre a ausência da figura masculina na educação básica do município de Pau dos Ferros - RN

Allison Alves da Silva <sup>1</sup>  
Hugo Walter Simão Carneiro <sup>2</sup>  
Jefferson Alves Macêdo <sup>3</sup>  
Hudson Walker Simão Carneiro <sup>4</sup>

### RESUMO

A educação infantil, bem como os demais âmbitos educacionais, são espaços comumente e majoritariamente ocupados por mulheres. Tal afirmação, atrelado as vivências em um campo de estágio na educação infantil, foi a base para o surgimento dessa pesquisa, a qual objetiva investigar a representatividade masculina nos espaços da educação básica no município de Pau dos Ferros – RN; de modo específico: debater as razões pelas quais os homens não têm ocupado o espaço da educação infantil; e elucidar sobre a visão socialmente construída do que é ser homem, fruto do movimento patriarcal instaurado em nossa sociedade desde os seus primórdios. O que precisa ser desconstruído para extinguir a forte repressão e resistência dos homens em sua inserção no campo educacional no desenvolver das sociedades? Buscaremos promover um debate crítico sobre masculinidades, apresentando dados relevantes obtidos através de um percurso metodológico de revisão de literatura e relato de experiência, que auxilie no diálogo sobre quais funções os homens ocupam dentro das instituições de ensino e responder à pergunta que embasa a essa discussão: “homens também ensinam?”. Neste intuito, destaca-se a baixa prevalência do público masculino no âmbito educacional, e considerase que isto possui relação com a estrutura machista imposta socialmente, deste modo, evidencia-se a necessidade de rompermos com a perspectiva de que apenas mulheres devem exercer a educaçãoocuidado.

**Palavras-chave:** Masculinidades, Escola, Gênero, Ensino-aprendizagem, Docente.

---

Trabalho realizado através do projeto de pesquisa do Observatório de Políticas Públicas do Alto Oeste Potiguar – Opa! Mediante financiamento da Coordenação de Pesquisa e Extensão – COPEX da FACEP.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP, [hugowalter336@gmail.com](mailto:hugowalter336@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP, [allysonbessa40@gmail.com](mailto:allysonbessa40@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Professor da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, [jeffacep@gmail.com](mailto:jeffacep@gmail.com);

<sup>4</sup> Especialista em Saúde da Família pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e professor/orientador do curso de Psicologia da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP [coautor3@email.com](mailto:coautor3@email.com);

## INTRODUÇÃO

Conforme explana Monteiro e Altamann (2015), à docência de maneira geral sempre foi um espaço ocupado predominantemente por mulheres. Essa divisão sexual do trabalho, termo que segundo Hirata e Kergoat (2007), serve para exemplificar essa distribuição desigual das profissões e principalmente no que diz respeito ao trabalho doméstico entre os sexos, ganha ainda mais ênfase quando perpassa para o campo da educação infantil, que tem o predomínio da figura feminina e a forte ausência da figura masculina dentro e fora da sala de aula, sendo valido destacar, ainda, que é nesse campo de atuação que existem os menores salários para as(os) profissionais (Saparolli, 1998).

A fim de buscar compreender as possíveis causas para essa ausência, pautados pela realização de um estágio na rede de educação infantil do município de Pau dos Ferros - RN, discutiremos sobre a pouca existência de profissionais do sexo masculino na rede e apresentaremos nossa inquietação do porque esse espaço não tem sido um campo de baixa representativa e de participação masculina, debateremos sobre possíveis razões para o que tem gerado desmotivação de homens a integrar-se a esse meio profissional e o que isso nos instrui sobre o movimento patriarcal enraizado em nossa sociedade e subsidiado pela cultura cisheteronormativa.

O patriarcado é uma das fortes estruturas de repressão social mantido na construção das sociedades ao longo de diversos períodos históricos. Nos últimos anos esse movimento vem ganhando forças fruto ascensão de uma forte onda de conservadorismo que se instaurou em nosso país e no mundo. Tal estrutura designa papéis sociais esperados para homens e mulheres desde antes do seu nascimento, com a identificação da genitália da criança, e cobra diariamente destes sujeitos a conservação de atitudes para firmar a masculinidade e a feminilidade, historicamente atrelados a virilidade e fragilidade, superioridade e inferioridade respectivamente (Carneiro, 2019).

O movimento machista-patriarcal influência em diversas esferas sociais, colaborando com a construção de estereótipos designados para homens e mulheres, dos quais a educação não se isenta disso, muito pelo contrário, por isso essa produção buscara apresentar, ainda que de maneira breve, quais são essas influências e questionar essa estrutura a fim de rompermos com paradigmas limitantes e que não colaboram com o desenvolvimento dos sujeitos e consequentemente das sociedades.

A educação infantil é um importante campo para a construção das subjetividades dos sujeitos, na escola a criança tem o primeiro contato com um grupo de pessoas que não

pertençam ao seu nicho social, e é a partir dali que surge a construção das noções de identidade e independência, bem como destaca Ramos, Oliveira e Silva (2019). Para que o processo de desenvolvimento da criança ocorra de maneira saudável e proveitosa, a escola e a família devem atuar como agentes parceiros nessa construção, unindo-se ao objetivo de educar e fazer um processo de ensino-aprendizagem ainda mais benéfico. Assim, esse processo não deve ser influenciado pelas “representações binárias e dicotômicas de gênero” (Souza et al.,2022), fugindo das segregações e discordando da presença feminina ser única e exclusiva na ocupação desse espaço.

É fruto do patriarcado a idealização violenta do homem. Connell (2005), citado por Souza et al. (2022), discute essa visão generalizada que se construiu sobre a figura masculina, e tal discussão nos permite levantar a hipótese de que a ausência masculina na escola de educação infantil está possivelmente ligada a essa idealização da figura masculina, que os próprios homens internalizam o pensamento de não serem capazes profissional e psicologicamente para se incluírem nesse espaço, por vezes sucumbidos pelo medo do julgamento de outros homens, da sociedade de maneira geral e até mesmo do autojulgamento. É preciso desconstruir a idealização da figura masculina como ser violento e desprovido de sentimentos, reconhecer as múltiplas formas de expressão das masculinidades, às quais não se resumem e/ou se limitam a personificação de homem como um ser violento, perigoso e agressivo.

## **METODOLOGIA**

A partir das observações e vivências em um estágio extracurricular no ambiente escolar da educação básica no município de Pau dos Ferros, localizado na região Oeste do estado do Rio Grande do Norte, cidade que conta com pouco mais de 30 mil habitantes (IBGE, 2021), mais precisamente na Escola Municipal Francisco Torquato do Rêgo, surge a indagação que norteou construção desse trabalho: “homens também ensinam?”, a fim de buscar informações sobre a quantidade de profissionais do gênero masculino na escola em questão e no município de maneira geral, buscando de compreender a partir da análise de estudos já existentes o que pode ser um fator potencializador dessa ausência.

O objetivo principal da nossa discussão é investigar a representatividade masculina nos espaços da educação básica, além de debater sobre as formas de inserção dos homens dos homens na educação básica enquanto colaboradores no processo de ensino-aprendizagem, analisar quais são as funções desempenhadas pelos homens na educação básica e suas

representações simbólicas e sociais, além de avaliar a educação-cuidado sob à luz da masculinidade.

Para aquisição de informações sobre a realidade do município de maneira geral, procuramos a Secretaria Municipal de Educação – SEDUC, que nos forneceu alguns dados importantes para nossa discussão. A partir daí, identificamos uma grande diferença na quantidade de docentes homens e mulheres não apenas na escola de atuação, mas em toda a rede municipal de educação. Para contemplar ainda mais nossa pesquisa, buscamos dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a fim de firmar ainda mais nosso debate e ampliar a percepção geral sobre a realidade do município pesquisado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Campos, Souza e Carvalho (2022), discutem sobre o Homem na condição de docente e apresentam alguns dados relevantes para essa produção. Os autores trazem o censo escolar de 2020, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, o qual aponta que dos 593.087 docentes da educação infantil, 3,6% são homens, comprovando que a ausência masculina é uma realidade de todo o território nacional.

Partindo para o município pesquisado, o último censo do IBGE, datado de 2021, aponta que no município existiam em funcionamento 25 estabelecimentos de ensino fundamental, dos quais atendiam em somatório um total de 3.880 discentes. A mesma pesquisa aponta um total de 222 docentes nessa rede de ensino fundamental, a qual engloba os anos iniciais/educação infantil. Para delimitar apenas a quantidade de professoras(es) na educação básica e posteriormente o quantitativo de professores do gênero masculino, partimos para a SEDUC do município para a coletar desses dados.

Assim, chegamos ao resultado de que dos 63 profissionais docentes na rede de ensino infantil municipal, apenas 3 correspondem ao gênero masculino, ou seja, dos 100% dos profissionais atuantes na educação básica, apenas 3,17% destes são homens. Isso demonstra uma micro representação da pesquisa apresentada no início deste tópico, a qual foi de fundamental importância para justificar que a ausência masculina nas escolas do município de Pau dos Ferros não é, nem de longe, um caso isolado.

Partindo para as observações feitas no campo de estágio, observamos que no corpo docente da instituição há uma grande disparidade entre homens e mulheres, onde dos 6 profissionais atuantes naquele espaço, apenas 1 deles é do gênero masculino, e em todo corpo

profissional da instituição, apenas outros dois homens atuam como: profissional de apoio e porteiro, ou seja, a ausência masculina ainda perpassa a atuação docente no campo educacional.

### **Por que geralmente vemos homens apenas na portaria?**

Essa indagação é um convite a refletirmos sobre os papéis sociais esperados para homens e mulheres, e da idealização masculina em firmar-se enquanto homem. A profissão de vigilância remete a violência e segurança, que é esperada pela figura masculina, que intrinsecamente se projeta muito mais nessas profissões do que no campo da docência, pois sente a necessidade compulsória de assumir um papel que é esperado para ele e evitar os estranhamentos e “olhares tortos” que poderão advir no campo do ensino.

“A ideia do cuidado na Educação Infantil está tão intrínseca à mulher que quando entra um homem nessa área causa estranheza e indagações” (Silva, 2019, p. 8), essas estranhezas e indagações são porta de entrada para uma repulsa masculina que por vezes precisa reafirmar-se o tempo inteiro enquanto homens, cis e héteros para que não sofram com os questionamentos de outros homens sobre a sua masculinidade.

Silva (2019), ainda, em sua pesquisa traz uma grande contribuição quando apresenta algumas falas de alguns professores entrevistados que demonstraram-se receosos frente ao comportamento de algumas famílias em não se sentirem à vontade em ter um homem lecionando para crianças pequenas. Isso é fruto da intrínseca relação da educação infantil com o maternal, a ideia e que as mulheres têm um “instinto materno” e que apenas elas são capazes de ensinar de maneira plena.

## REFERÊNCIAS

Monteiro, M. K., & Altmann, H.. (2014). Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos De Pesquisa*, 44(153), 720–741.

<https://doi.org/10.1590/198053142824>

HIRATA, Helena;; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. A educação Infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n.6, p. 107-125, 1º semestre 1998.

CARNEIRO, Hudson Walker Simão. Ser homem na nova onda de conservadorismo no Brasil. Monografia, Graduação em Psicologia. Pau dos Ferros, 84 p., 2019.

CAMPOS, Kátia Patrício Benevides, SOUZA, Rayffi Gumerindo Pereira de, CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Homens na educação infantil: uma problematização sobre a condição docente. *Interações*, n. 61, pp. 141-162. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2021**. Pau dos Ferros: IBGE, 2021.

SILVA, Walter Lucio Da. Homens na educação infantil: um espaço demarcado por mulheres. *Anais VI CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora, 2019.